

RESENHA

A AMAZÔNIA E A COBIÇA INTERNACIONAL

Por Maria Goretti da Costa Tavares¹

REIS, Arthur César Ferreira. *A Amazônia e a cobiça internacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Manaus: Superintendência da Zona da Franca de Manaus, 1982.

Resumo

O livro *A Amazônia e a cobiça internacional*, de Artur Cesar Ferreira dos Reis, publicado com quatro reedições entre os anos de 1965 e 1982, retrata os vários momentos de ocupação da região, afirmando que a Amazônia sempre foi alvo do interesse internacional, principalmente pela abundância de riquezas naturais, água, floresta, minerais, enfim dotada de uma biodiversidade impar no espaço mundial.

Palavras-chave: Amazônia. Recursos. Internacionalização.

Resumé

L'ouvrage *A Amazônia e a cobiça internacional* (L'Amazonie et la convoitise internationale) d'Artur Cesar Ferreira dos Reis, ré-édité quatre fois entre 1965 et 1982, retrace les différents moments de l'occupation de la région et affirme que l'Amazonie n'a cessé d'être la cible d'intérêts internationaux, notamment en raison de l'abondance de ses richesses naturelles, qu'elles soient hydriques, forestières ou minières, lui attribuant une biodiversité incomparable dans l'espace mondial.

Mots-clés: Amazonie. Ressources. Internationalisation.

O autor Arthur César Ferreira Reis foi advogado, escritor e historiador. Nascido na cidade de Manaus, sempre defendeu e escreveu sobre os problemas

¹ Professora da Faculdade de Geografia e Cartografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFPA. E-mail: goretta@ufpa.br.

amazônicos. É importante destacar sua contribuição para a história e geografia da Amazônia, pois tem uma vasta obra científica sobre a região por um período de mais de 50 anos (de 1930 a 1984). Além disso, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), exerceu o cargo de Superintendente do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (atual SUDAM) e do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA).

A Publicação do livro *A Amazônia e a cobiça internacional*, de Artur Cesar Ferreira dos Reis teve cinco edições publicadas em um período de 22 anos (1960 a 1982) e apresenta-se estruturado em 18 capítulos que tratam da região do período colonial até o final do século XX, retratando os vários momentos em que a região foi objeto de cobiça internacional. O livro em sua quinta edição (1982) encontra-se estruturado em 18 itens a saber:

1. O mundo tropical e empório de matérias-primas;
2. Ingleses, irlandeses e holandeses tentam a primeira surtida;
3. Portugueses e espanhóis disputam o domínio;
4. Os franceses participam da aventura;
5. Portugal não cedeu nem aos concorrentes;
6. Os ingleses sugerem a secessão;
7. A navegação do Amazonas;
8. Expedições científicas escondiam propósitos;
9. Os franceses pretendem o Amapá;
10. Os ingleses penetram no Rio Branco;
11. Viajantes e sugestões separatistas;
12. O *Bolivian Syndicate* é o caso do Acre;
13. Investimentos e concessões de terras;
14. A que vinha a expedição Iglesias?
15. O episódio da Hiléia;
16. A pressão dos interesses universais;
17. O pacto amazônico;
18. Fatos e reflexões finais.

No capítulo 1, intitulado *O mundo tropical e empório de matérias-primas*, o autor apresenta a grandiosidade da região, extensão territorial, bacia hidrográfica, massa florestal heterogênea, fauna e sua importância econômica. Assim como já apontava o nascimento dos estudos dos recursos minerais, como

o manganês no Amapá, o calcário, o ferro, o ouro, o diamante e o petróleo. Ressalta o fato da economia amazônica encontrar-se naquele momento baseada na exploração da floresta. Nesse contexto afirma que a conquista do território amazônico foi baseada no extrativismo vegetal.

No capítulo 2, intitulado *Inglezes, irlandeses e holandeses tentam a primeira surtida*, o autor ressalta que apesar de terem sido os espanhóis os primeiros a darem conhecimento das potencialidades da região, havia também o interesse dos ingleses, holandeses e irlandeses, que passam a adentrar a região durante os séculos XVI e XVII.

No capítulo 3, intitulado *Portugueses e espanhóis disputam o domínio*, o autor ressalta que o mundo conhecido foi dividido entre as duas nações, sendo que a linha imaginária do Tratado de Tordesilhas cortava a região, sendo a maior porção (oeste) pertencente à Espanha e a menor porção do território a partir do Rio Pará pertencente à Portugal. Assinala também as estratégias do governo português para a conquista do território, por meio da expedição de Pedro Teixeira que subiu o rio Amazonas e a entradas das missões religiosas que tinham por objetivo dominar a sociedade indígena e, portanto, favorecer ao controle econômico da exploração das especiarias existentes na região. Tais estratégias iriam ser redefinidas geograficamente pelo Tratado de Madri de 1750.

No capítulo 4, intitulado *Os franceses participam da aventura*, o autor aborda a presença dos franceses na região a partir do século XVII, estabelecendo-se em terras ao norte da região, a Guiana, constituindo a Companhia da França Equinocial, ressaltando que houve também a penetração dos franceses pelo Rio Amazonas e a disputa pela área correspondente hoje ao Estado do Amapá.

No capítulo 5, intitulado *Portugal não cedeu ao meio nem aos concorrentes*, o autor ressalta que apesar da geografia física da região que dificultava o avanço e conquista territorial da Amazônia, e da presença constante dos espanhóis, dos ingleses, dos holandeses, dos irlandeses e dos franceses, Portugal estabeleceu estratégias que permitiram a conquista do território.

No capítulo 6, intitulado *Os ingleses sugerem a secessão*, o autor ressalta que à época do movimento da Cabanagem, na primeira metade do século XIX, houve a proposta feita pelos ingleses para que a região se separasse do Brasil.

No capítulo 7, intitulado *A navegação do Amazonas*, o autor trata da importância do rio para penetração e conquista econômica da região, ressaltando que, até meados do século XIX, a navegação foi controlada pelos portugueses e depois pelo Brasil, mas que na segunda metade do século XIX com a valorização da borracha no mercado internacional, ocorre pressão externa para aber-

tura da navegação do rio Amazonas aos estrangeiros e a entrada da navegação a vapor que permitiria uma circulação mais rápida no rio.

No capítulo 8, intitulado *Expedições científicas escondiam propósitos*, o autor discorre sobre a entrada na região nos séculos XVII e XVIII e XIX de cientistas para conhecer a realidade do Brasil e o que este território significava como patrimônio para o progresso das ciências e das técnicas.

No capítulo 9, intitulado *Os franceses pretendem o Amapá*, o autor narra a tentativa dos franceses de ocupar o território amapaense até a definição dos limites entre o Brasil e a França.

No capítulo 10, intitulado *Os ingleses penetram no Rio Branco*, o autor discorre sobre os conflitos entre os britânicos e os brasileiros para a definição da fronteira, na área que corresponde hoje ao Estado de Roraima.

No capítulo 11, intitulado *Viajantes e sugestões separatistas*, o autor discorre sobre as viagens de vários viajantes pela Amazônia e as influências e ideias separatistas, no sentido de pensar em uma Amazônia independente.

No capítulo 12, intitulado *O Bolivian Sundicate*, sobre o Acre, o autor trata dos conflitos existentes por território entre o Brasil e a Bolívia durante o período da economia da borracha. O Tratado de Petrópolis de 1903 definiu que o território pertencia ao Brasil.

No capítulo 13, intitulado *Investimentos e concessões de terras*, o autor discorre sobre os vários investimentos externos e concessões de terras para estrangeiros.

No capítulo 14, intitulado *A que vinha a expedição Iglesias?*, o autor trata da proposta de uma expedição científica para a Amazônia no ano de 1931, pelo capitão espanhol Francisco Iglesias que penetraria o Alto Amazonas. Expedição esta que tinha por objetivo reconhecer cientificamente a região para que fosse possível desenvolvê-la do ponto de vista econômico. No entanto, o governo brasileiro resolve a partir deste momento intervir nas expedições estrangeiras que desejassem adentrar o território brasileiro. Neste contexto, a expedição de Iglesias fracassou.

No capítulo 15, intitulado *O Episódio da Hiléia*, o autor aborda a proposta ocorrida na década de 1940 para a criação de um instituto de pesquisa para a Amazônia, o Instituto da Hiléia Amazônica, em conferência realizada em Belém no ano de 1947. Essa reunião resulta em várias outras reuniões e convenções até a criação no ano de 1952, em Manaus, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA).

No capítulo 16, *A pressão dos interesses universais*, o autor lança alguns questionamentos relacionados ao fato de que ainda na década de 1960 existiriam ainda ameaças de interesses internacionais na região como ocorreu nos

séculos anteriores. O autor finaliza o artigo afirmando que a região seria um espaço aberto ideal para receber os excedentes populacionais; para produzir alimentos; e para produzir a matéria-prima vegetal, animal e mineral que necessitam os grandes parques industriais do mundo (p. 190).

No capítulo 17, *O pacto amazônico*, o autor ressalta que no ano de 1973, foi firmado o Pacto Amazônico, denominado de Tratado de Cooperação Amazônica que buscava congregar e disciplinar entre os países amazônicos as regras da política a ser adotada sobre a região.

No capítulo 18, que trata dos *Fatos e reflexões finais*, o autor ressalta que a Operação Amazônica decretada pelo Presidente Castelo Branco na década de 60, confirmava que o autor acertara nas análises sobre o interesse e a cobiça internacional sobre a Amazônia. E que no ano de 1981, ano da última edição do livro, a região ainda continuava vivendo um período de subdesenvolvimento e que estava na mira dos organismos internacionais, que a viam como um espaço disponível para o futuro.

Diante do exposto, é possível concluir que o livro privilegia questões de relevante importância e que amplia a discussão sobre a Amazônia e o interesse internacional. Trata-se de um livro, portanto, de interesse para os estudantes e profissionais que desejam conhecer e aprofundar a história do interesse internacional pelo território amazônico.

